

AÇÕES EDUCATIVAS NA PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Patrícia Tuchtenhagen ¹

Pétrin Hoppe Tuchtenhagen ²

Danusa Passini dos Santos ³

Karen Cristiane Pereira de Moraes ⁴

Angela Isabel dos Santos Dullius ⁵

Angela Pellegrin Ansuaj ⁶

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo identificar as ações educativas realizadas na prevenção ao uso de drogas. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Realizou-se seleção de artigos do banco de dados LILACS e posterior análise dos mesmos, selecionados em três categorias. Os resultados apontam que várias estratégias de ações educativas são utilizadas, que a escola é o local de proteção contra as mesmas e que estratégias de prevenção ao uso e promoção de hábitos saudáveis são os mais recomendados. Conclui-se que as pesquisas apontam a necessidade do preparo adequado dos educadores tem papel importantíssimo no sucesso das ações contra as drogas e por isso cada vez mais a educação continuada, destes profissionais, em relação aos diversos tipos de drogas e seus efeitos tornam-se fundamentais.

Palavras-chave: AÇÕES EDUCATIVAS; DROGAS; INTERDISCIPLINAR; PREVENÇÃO

Modalidade de Participação: Pesquisador

AÇÕES EDUCATIVAS NA PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

¹ Aluno de pós-graduação. patytuchtuch@yahoo.com.br. Autor principal

² Aluno de graduação. petrinhoppe@gmail.com. Co-autor

³ Outro. danusapassini@gmail.com. Co-autor

⁴ Aluno de pós-graduação. Anjinha_i_k@yahoo.com.br. Co-autor

⁵ Docente. angeladullius@gmail.com. Co-autor

⁶ Docente. angelaansuj@yahoo.com. Co-autor



AÇÕES EDUCATIVAS NA PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1. INTRODUÇÃO

Apesar de a dependência química ser um assunto amplamente exposto e debatido, o uso abusivo de substâncias psicoativas se tornou um grave problema social e de saúde pública, além do número de usuários continuar aumentando (BRASIL, 2003). O levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas, realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) no ano de 2005, comprova que nas 108 cidades mais populosas do país, 22,8% da população já fez uso de crack e outras drogas em algum momento da vida. Em relação ao uso de álcool verifica-se que foram de 12,3% e uso de tabaco corresponde a 10,1%. Destes dados, o uso de maconha aparece em primeiro lugar entre as drogas ilícitas, com 8,8%, sendo a segunda droga com maior uso na vida (exceto tabaco e álcool), o solvente (6,1%). A prevalência do uso de cocaína, crack e merla foi, respectivamente, 2,9%, 0,7%, 0,2% e de heroína foi de 0,09%. Esta pesquisa conclui que há o uso das mais variadas drogas, bem como facilidade de acesso às mesmas e vivência de consumo próximo por parte de familiares e amigos, e um terço da população masculina de 12 a 17 anos, declarou já ter sido submetida a tratamento para dependência de droga (BRASIL, 2006).

Dentro dessa realidade, verifica-se que o público das ações educativas na prevenção do uso de drogas é o adolescente. Outeiral (2008) afirma que o adolescente está em fase peculiar do desenvolvimento, ou seja, nesta fase há naturalmente conflito por vivenciar corpo e mente em transformação, fazendo com que constituam uma população de risco em relação ao uso de drogas. Toscano Jr (2001), ressalta que o uso de substâncias psicoativas esta cada vez mais precoce. O adolescente, naturalmente em crise, encontra na droga uma opção para “resolver” os problemas. Além disso, “[...] quanto mais cedo ocorre a experimentação, maior será o risco de evolução no sentido da adição, pois a identidade e as competências da vida estão em desenvolvimento [...]” (TOSCANO JR, 2001 p.286). Destaca-se a Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a usuários de Álcool e outras Drogas (2003), a qual cita como resultados do uso de drogas por adolescentes, altos índices de abandono escolar, bem como, o rompimento de outros laços sociais que reforçam a relação deste uso como próximo ao crime. Ainda, o consumo de drogas está entre os principais fatores associados à criminalidade infanto-juvenil fazendo da droga o agente motivador do cometimento de atos infracionais (BRASIL, 2013).

Assim, a presente pesquisa tem como foco de estudo verificar quais ações educativas estão sendo utilizadas na prevenção ao uso de drogas. Diante desta realidade surgiu o problema de pesquisa: Quais ações educativas estão sendo utilizadas para prevenir o uso e abuso de drogas?

2. METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. A coleta de dados realizou-se em Dez/2016 com buscas de dados da Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências e Saúde (LILACS) utilizando os descritores: educação e drogas, tendo com enfoque principal as ações educativas.

Obteve-se uma amostra composta por 885 artigos. Após foi estabelecido os critérios de inclusão e exclusão, então realizou-se o refinamento até chegar a uma amostra composta por 24 artigos científicos. Foram escolhidos somente artigos com textos na íntegra, brasileiros, com limite à temática “ações educativas sobre drogas”. Após a realização das etapas anteriores ocorreu à coleta dos dados através da leitura e o fichamento dos artigos selecionados, buscando evidências para melhor compreender o conteúdo. Então, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Minayo (2007). Após, ocorreu à coleta dos resultados criando assim as três categorias temáticas e a discussão dos resultados.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

A seguir apresenta-se as três categorias:

3.1 Ações educativas

Dos 21 artigos, 43% (n=9) deles apontam alternativas na prevenção ao uso dentre elas, as mais citadas são:

3.1.1 Dinâmicas

Dinâmicas de criatividade e sensibilidade na abordagem do álcool e fumo com adolescentes são a sugestão de Lopes et al (2012), segundo as autoras, as dinâmicas possibilitam questionamentos e interjeições por parte dos adolescentes, resultando em atitudes determinantes frente aos conflitos vividos nesta fase tão específica.

3.1.2 Redução de Danos

O programa de redução de danos (PRD) é um programa relativamente novo no Brasil, desde 2001 é um conjunto de ações como atividades de informação, educação, aconselhamento e outras ações preventivas que divergem da visão tradicional que é repressiva e preconceituosa. A redução de danos, segundo Souza e Monteiro (2011), diminuiriam o número de usuários e o número de drogas usadas, pois atenuariam “os níveis de danos relacionados ao uso de drogas, tanto para o usuário quanto para a sociedade de forma geral” (SOUZA E MONTEIRO, 2011, p. 834).

3.1.3 Bem-estar psicológico

Souza *et al.* (2012), acreditam que o bem-estar psicológico das pessoas impediriam o uso, que programas que visem a melhoria do bem estar psicológico seriam mais eficazes contra as drogas do que qualquer outra ação.

3.1.4 Campanhas de prevenção

Campanhas de prevenção e programas de intervenção junto aos adolescentes em situação de vulnerabilidade diminuiriam as chances de uso, segundo Cruz, Martins e Teixeira (2009).

3.1.5 Pedagogias Ativas

Abordagens pedagógicas ativas, como as oficinas participativas, possibilitam a elaboração e a reelaboração de conhecimentos, tornando o sujeito capaz de melhorar sua qualidade de vida (BRITO *et al.*, 2008).

3.1.6 Problematização

Fontana, Santos e Brum (2013) apontam que a problematização é essencial na construção no processo educativo, pois possibilita o diálogo entre os sujeitos, a autonomia cidadã e contribui para a promoção de posturas frente aos fatos do dia-dia, dentre eles a escolha pelo uso ou não da droga.

3.1.7 Acolhimento

O acolhimento à população de risco é de suma importância na prevenção ao uso de drogas, o acolhimento favorece o acesso aos serviços, minimiza fatores de

risco a saúde e promove a participação em ações de promoção a saúde, como apontam Queiroz et al (2013).

3.1.8 Capacitação dos profissionais

A capacitação dos profissionais com uma visão holística e preparados para realizar o acolhimento a população de risco são estratégias apontadas por Queiroz et al (2013) e Souza e Ronzoni (2012).

3.1.9 Programas de orientação

As escolas devem estabelecer ações de conectividade com os alunos, por meio de programas de orientação com número menor de alunos na sala de aula, além disso, Gue Martini e Furegato (2008) apontam que as orientações do Dr Robert Du Pont, ex-diretor do Instituto Nacional de Abuso de Drogas dos Estados Unidos aos Pais são: estabelecer um consenso familiar sobre o uso de substâncias; estabelecer penalidades pelo não cumprimento das regras; dedicar algum tempo diário para conversar com os filhos a respeito do que está se passando em suas vidas, como se sentem e o que pensam; ajudar os filhos a definirem objetivos pessoais; conhecer os amigos dos filhos; ajudar os filhos a sentirem-se bem com suas próprias qualidades e com seus pequenos e grandes êxitos; deve haver um sistema estabelecido para resolução de conflitos; falar frequentemente e muito cedo com os filhos a respeito de seu futuro; deve-se desfrutar dos filhos; ser um pai/mãe intrometido(a).

3.1 Importância da escola (escolaridade) na prevenção

Dos 21 artigos analisados 14% (n=3) enfatizaram a importância da escola na prevenção, mostrando que é possível evitar, através da educação escolar, que as pessoas principalmente os jovens se envolvam com drogas. A escola é um espaço privilegiado na prática da prevenção, como apontam Gue Martini e Furegato (2008), além disso, ocorreu uma mudança nas práticas de prevenção, pois as estratégias de prevenção estão muito mais abrangentes com o envolvimento da família e a comunidade. Corroborando, Fonseca (2002) relata que na escola, devem ser realizadas ações preventivas voltadas para melhoria da qualidade de vida com princípio na formação global do aluno saudável. Ainda, a autora supracitada, aponta que a promoção e o desenvolvimento da competência social do estudante, com base na participação ativa na escola, nas discussões, nas dramatizações, nas trocas de papéis que tenham o objetivo de ajudar crianças, adolescentes e jovens adultos a aumentarem sua capacidade de tomar decisões.

Por outro lado, Carlini-Cotrim e Rosemberg (1991) ponderam sobre a importância dos conteúdos e as práticas escolares serem analisadas, reciclar autores e editores dos livros didáticos sobre drogas. Ainda, Brito et al (2008), ressaltam a carência de profissionais capacitados para abordar o tema drogas na escola, além disso, parcerias entre escolas, creches, serviços de saúde e universidades podem favorecer a prevenção.

3.2 Ações intersetoriais na prevenção

Dos 21 artigos 43% (n=9) destacaram a importância de ações intersetoriais no combate as drogas. Os programas de prevenção “deveriam estimular a competência para promover resiliência ao uso de drogas, termo que tem sido utilizado para designar a capacidade de resistir às pressões externas e internas que facilitariam o uso de drogas” (MICHELI *et al.*, p. 312, 2004). Ainda, Souza e Silveira Filho (2007) ponderam que ações conjuntas e articuladas na área da educação, família e

sociedade devem ser feitas a fim de auxiliar pesquisadores na questão do uso indevido de drogas.

A maioria dos usuários são provenientes de lares desfeitos ou desajustados, Pedroso e Siqueira (1989) apontam que um programa de prevenção adequado deve focar o problema nos aspectos sócio-político-econômico, com trabalho conjunto entre governo, pais e educadores. Além disso, Carraro *et al.* (2005) inferem que os formandos saem das universidades despreparados para lidarem com o fenômeno das drogas, portanto é urgente que as universidades agreguem ao currículo conteúdos atuais sobre este tema tão importante, preparando os futuros profissionais para o exercício do cuidado neste campo complexo e prioritário. Ainda, Silva *et al* (2007) e Dalgallarrondo *et al* (2004) enfatizam a importância da religião como fator protetivo contra as drogas, neste sentido, “ao se aderir a uma denominação religiosa e envolver-se com padrões de religiosidade, adere-se a um conjunto de valores, símbolos, comportamentos e práticas sociais” fazendo com que a pessoa, através dos preceitos religiosos aceite ou recuse o uso de álcool e drogas (DALGALLARRONDO *et al.*, 2004, p.89).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou mostrar as ações educativas na prevenção ao uso e abuso de drogas. Como resultado os artigos apontam várias ações educativas a serem realizadas, o papel da escola na prevenção e a importância das ações intersectoriais no combate as drogas. As drogas estão cada vez mais em destaque na mídia e preocupam cada vez mais os diversos setores da sociedade, apesar disso o número de usuários e drogas em circulação crescem na mesma proporção, o que leva ao questionamento quanto à eficácia das diversas ações estudadas. Todas as práticas salientadas pelo estudo tem eficácia, porém limitam-se aos contextos realizados, acredita-se que com o engajamento de vários setores da sociedade esta epidemia tão grave possa ser controlada. Diante disto, conclui-se que a escola é o principal local na prevenção ao uso de drogas e que educadores tem um papel importantíssimo no sucesso das ações e por isso cada vez mais a educação continuada, destes profissionais, em relação aos diversos tipos de drogas e seus efeitos, além de ações educativas no combate as drogas se tornam fundamentais.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. A Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a usuários de Álcool e outras Drogas. Brasília – DF, 2003.

BRASIL. II Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: Estudo Envolvendo as 108 Maiores Cidades do País 2005. São Paulo, 2006.

BRITO, M.E.M. *et al.* Educação em saúde com pré-adolescentes de uma escola pública no município de fortaleza – CE. *DST - J bras Doenças Sex Transm* 2008; 20(3-4): 190-195 - ISSN: 0103-4065

CARLINI-COTRIM, B.; ROSEMBERG, F. Os livros didáticos e o ensino para a saúde: o caso das drogas psicotrópicas. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo, 25(4), 1991.
CARRARO, T.E. *et al.* A formação do enfermeiro e o fenômeno das drogas no sul do brasil: atitudes e crenças dos estudantes de enfermagem sobre o cuidado. *Rev Latino-am Enfermagem* 2005 setembro-outubro; 13(número especial):863-71

CRUZ, L.A.N. *et al.* Julgamento sócio-moral entre estudantes que fazem uso de bebidas alcoólicas: aceitabilidade, categorias de justificação e jurisdição de autoridade. SMAD 2009, V.5, n.2, Art 02

DALGALARRONDO, P. *et al.* Religião e uso de drogas por adolescentes. Rev Bras Psiquiatr 2004;26(2):82-90

FONSECA, M.S. Aquisição de drogas: um estudo entre estudantes brasileiros. Psico-USF, v. 7, n. 2, p. 153-162, Jul./Dez. 2002

FONTANA RT, SANTOS AV, BRUM ZP. A educação em saúde como estratégia para a sexualidade saudável. J. res.: fundam. care. online 2013. out./dez. 5(4):529-36

LOPES, GT. *et al.* Dinâmicas de criatividade e sensibilidade na abordagem de álcool e fumo com adolescentes. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2012 jan/mar; 20(1):33-8.

MICHELI, D. *et al.* Estudo da efetividade da intervenção breve para o uso de álcool e outras drogas em adolescentes atendidos num serviço de assistência primária à saúde. Rev Assoc Med Bras 2004; 50(3): 305-13

OUTEIRAL, J. Adolescência. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2008.

PEDROSO, M.F.M.; SIQUEIRA, M.E.P.B. Solventes de cola: abuso e efeitos nocivos à saúde. Rev. Saúde públ., S. Paulo, 23(4): 336-40, 1989.

QUEIROZ, MVO.; *et al.* Situações de vulnerabilidades e riscos utrorreferidos por escolares adolescentes. Rev Rene. 2013; 14(3):493-502.

SILVA, E.F. *et al.* Caracterização do consumo de drogas ilícitas entre escolares do ensino médio do município de São José do Rio Preto, SP, Brasil. Arq Ciênc Saúde 2007 jul-set;14(3):135-9

SOUZA, L.D.M. *et al.* Bem-estar psicológico de jovens de 18 a 24 anos: fatores associados. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 28(6):1167-1174, jun, 2012

SOUZA, K.M.; MONTEIRO, S. A abordagem de redução de danos em espaços educativos não formais: um estudo qualitativo no estado do Rio de Janeiro, Brasil. Comunicação Saúde Educação v.15, n.38, p.833-44, jul./set. 2011.

SOUZA, I.C.W.; RONZANI, T.M. Álcool e drogas na atenção primária: avaliando estratégias de capacitação. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 2, p. 237-246, abr./jun. 2012.

TOSCANO JR. A. Um breve histórico sobre o uso de drogas. In: Seibel SD, Toscano Jr A. Dependência de drogas. São Paulo, Editora Atheneu, 181-190, 2001.